

BOLETIM DE CONJUNTURA

96

2018

4º TRIMESTRE

preços de venda

carteira de encomendas

estado dos negócios

tendências

produção e utilização da capacidade

pessoas ao serviço

APICCAPS

Associação Portuguesa dos Industriais de Calçado,
Componentes e Artigos de Pele e seus Sucadâneos

O último trimestre de 2018 deu sequência à desaceleração da conjuntura setorial que foi patente ao longo do ano. As encomendas diminuíram, tanto no mercado nacional como nos mercados externos, implicando que o mesmo acontecesse com a produção, embora a maioria das empresas tenha ainda registado níveis de utilização da capacidade normais para a época do ano. Ao nível dos preços, a tendência de evolução foi também negativa. A larga maioria das empresas não alterou o seu nível de emprego.

As empresas consideram que o estado dos negócios se degradou face ao verificado um ano antes mas dois terços dos inquiridos entendem que é ainda suficiente e os restantes dividem-se praticamente por igual entre opiniões positivas e negativas. No entanto, receiam que a tendência de degradação da conjuntura se prolongue para o início de 2019, o que se justifica face às previsões de abrandamento macroeconómico nos principais mercados do calçado português. A maior preocupação dos empresários é a insuficiência de encomendas de clientes estrangeiros. Em contrapartida, atenuaram-se as preocupações com as condições climatéricas que tiveram um impacto muito negativo no desempenho recente da indústria.

Publicação Trimestral editada pela



Associação Portuguesa dos Industriais de Calçado,
Componentes e Artigos de Pele e seus Sucedâneos

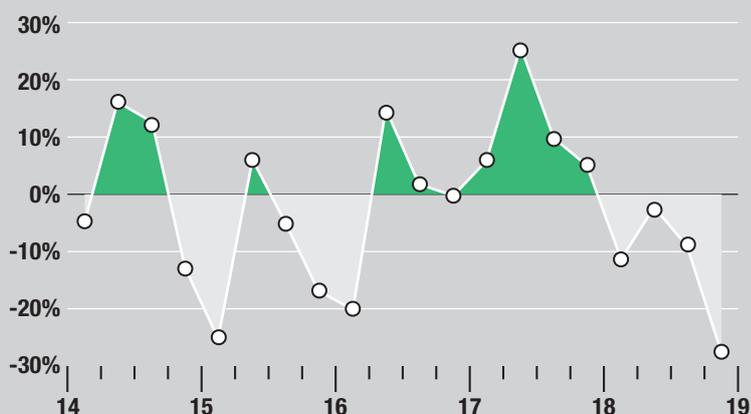
Com o apoio do programa COMPETE

Coordenação Técnica

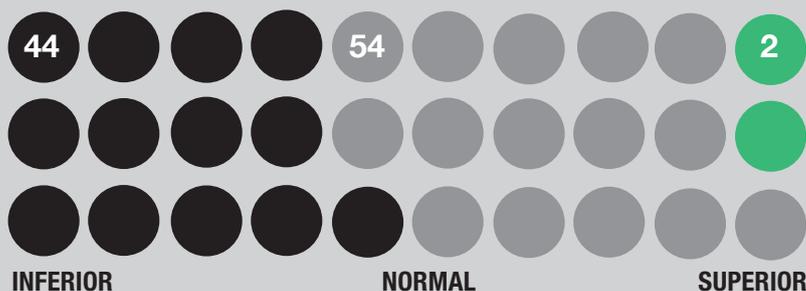
CEGEA - Centro de Estudos de Gestão e Economia Aplicada da
Universidade Católica Portuguesa, Porto

Produção

No último trimestre de 2018, metade das empresas inquiridas declarou que o seu nível de produção permaneceu estável. Esta percentagem ascende mesmo a 62% entre as pequenas empresas e a 64% entre as que vendem predominantemente para o mercado nacional. No entanto, o saldo de respostas extremas (s.r.e.), isto é, a diferença entre a percentagem de empresas que declararam, respetivamente, que a produção aumentou e diminuiu, prosseguiu a trajetória descendente que tem demonstrado desde o segundo semestre de 2017 e atingiu -23 pontos percentuais (p.p.), o valor mais baixo desde 2004.



Utilização da Capacidade



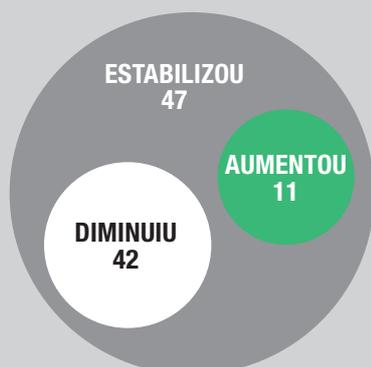
Não surpreende, por isso, que também os níveis de utilização da capacidade produtiva tenham diminuído: as empresas que declararam que a utilização da capacidade ficou aquém do normal para a época do ano excederam em 42 p.p. as que disseram o oposto. No entanto, a maioria das empresas (54%) consideraram que a utilização da capacidade permanecia dentro da normalidade, sendo essa situação particularmente frequente entre as pequenas e as muito grandes empresas.

Carteira de Encomendas

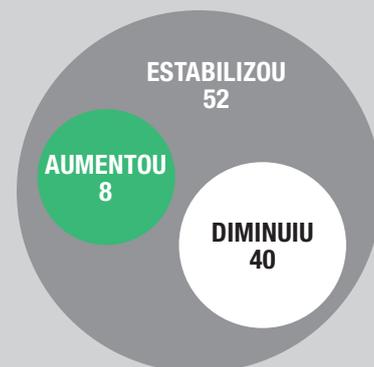
A evolução da produção e da utilização da capacidade é, em grande medida, explicada pelo comportamento da carteira de encomendas. Quase metade das empresas afirmou que, no trimestre, a sua carteira permaneceu estável, sendo essa percentagem relativamente uniforme entre os vários escalões de dimensão. No entanto, foram consideravelmente mais as empresas que sentiram uma diminuição da carteira de encomendas do que as que a viram aumentar (s.r.e. -31 p.p.).

O saldo foi praticamente idêntico no que respeita às encomendas vindas do estrangeiro. Neste caso, no entanto, há um menor número de indicações tanto de diminuição como de aumento em favor de um maior número de empresas que dizem que a carteira estabilizou (52%), sendo esta resposta particularmente comum entre as pequenas empresas (57%).

CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS



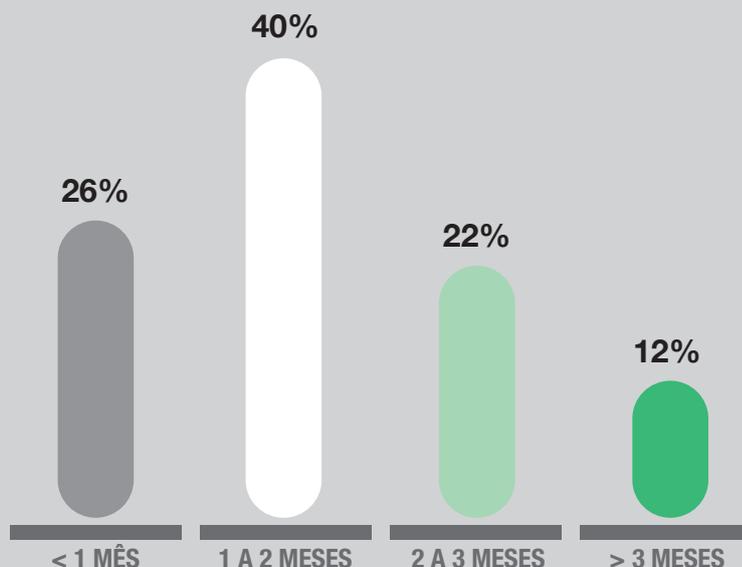
CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO



Horizonte

PRODUÇÃO ASSEGURADA POR ENCOMENDAS

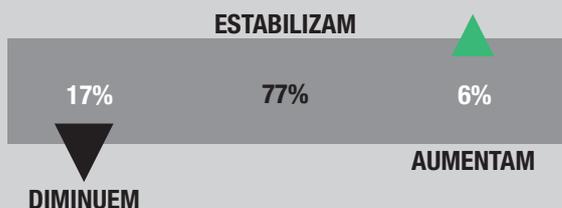
Consequentemente, registou-se uma diminuição no tempo de produção assegurado pela carteira de encomendas: cerca de um quarto das empresas (26%) dizem agora que as encomendas em carteira lhes asseguram menos de um mês de atividade, o que é a percentagem mais elevada desde 2006. No entanto, a situação mais frequente (40% dos inquiridos) é que as encomendas em carteira sejam suficientes para um a dois meses de atividade. Há ainda 12% de empresas que têm a produção assegurada para mais de três meses.



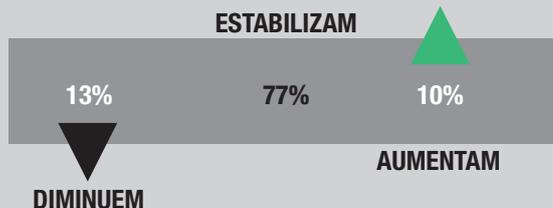
Preços

Tal como habitual, a estabilidade foi a resposta largamente maioritária quanto à evolução dos preços sendo, neste trimestre, indicada por 77% das empresas, tanto no que respeita ao mercado nacional como aos mercados internacionais, e atingindo valores superiores entre as empresas de grande e muito grande dimensão. À semelhança das perguntas anteriores, também nesta matéria as respostas de sentido negativo excederam as de sentido positivo, sendo o saldo de respostas extremas de -11 p.p., para o mercado português, e de -3 p.p., para o mercado internacional mas atingindo valores mais negativos entre as empresas de dimensão intermédia.

EM PORTUGAL



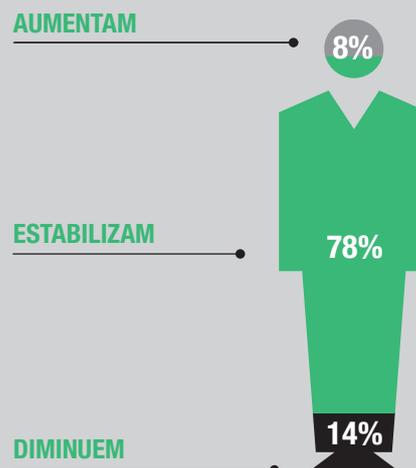
NO ESTRANGEIRO



Pessoas ao serviço

EVOLUÇÃO DO EMPREGO

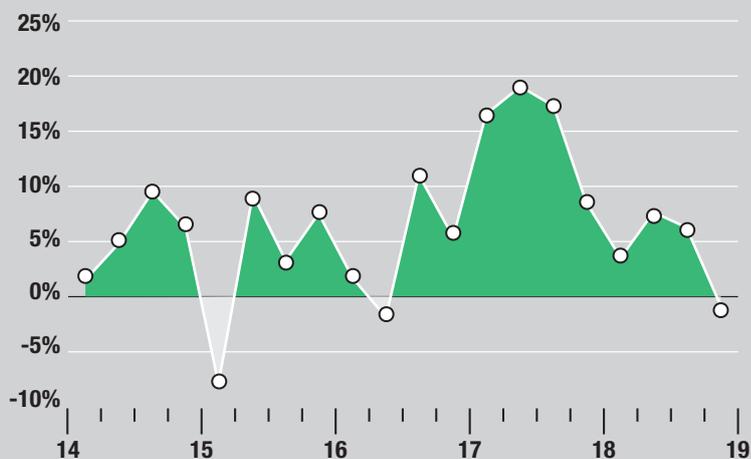
Apesar do cenário de abrandamento da atividade da indústria, a esmagadora maioria das empresas (78%) dizem não ter alterado o número de pessoas ao seu serviço, sendo esta percentagem bastante uniforme entre os vários escalões de dimensão e orientação de mercado. Há mesmo 8% das empresas que, apesar deste contexto, reforçaram os seus quadros de pessoal. No entanto, como seria de esperar, o s.r.e. foi negativo, embora apenas de -6 p.p.



Estado dos negócios

Dois terços das empresas consideram que o estado dos negócios permanece suficiente, tendo esta percentagem aumentado em relação aos trimestres anteriores por contrapartida da diminuição do número de empresas que consideram que é mau ou, sobretudo, bom. O saldo de respostas extremas foi ligeiramente negativo (-1 p.p.), o que aconteceu pela primeira vez nos últimos dois anos e meio.

Quando chamadas a comparar o trimestre transato com a situação verificada um ano antes, as empresas que consideram que o estado dos negócios piorou excedem em 19 p.p. as que pensam que melhorou, resultado sensivelmente idêntico ao registado no trimestre anterior. Ainda assim, é de assinalar que 17% consideram que o estado dos negócios melhorou e que 47% entendem que permanece igual.



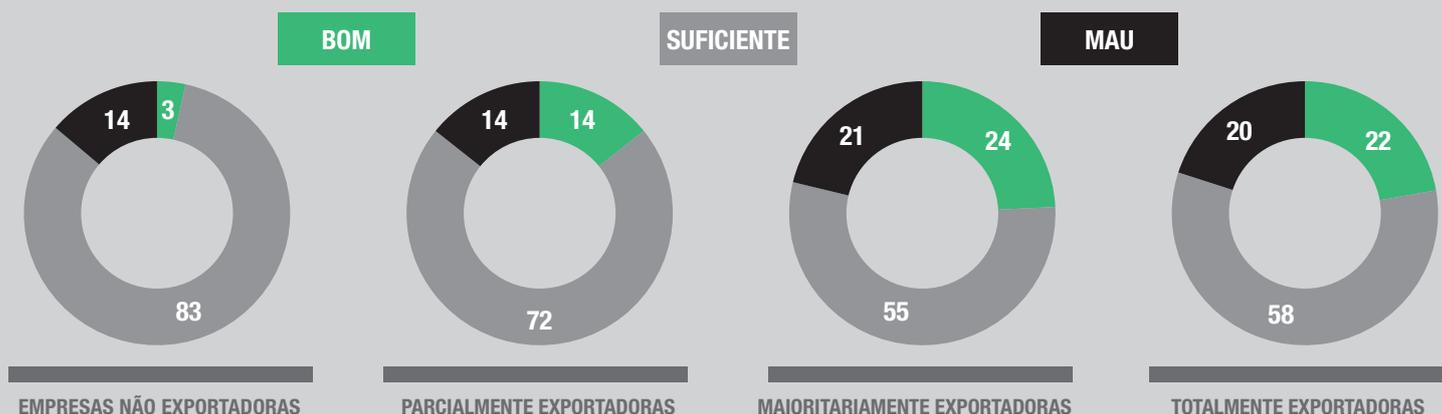
PERÍODO HOMÓLOGO



I.I. - Estado dos negócios por dimensão da empresa, orientação de mercado e peso da coleção própria nas vendas.

Em linha com várias respostas anteriores, a apreciação do estado dos negócios é mais favorável entre as empresas pequenas (menos de 50 trabalhadores) e muito grandes (mais de 250) do que nas de dimensões intermédias. Entre as pequenas, são até mais as que consideram que o estado de negócios atual é melhor do

que há um ano atrás do que as que pensam o contrário. As empresas orientadas predominantemente para os mercados internacionais estão tendencialmente mais satisfeitas (s.r.e. mais favorável) do que as orientadas para o mercado nacional, embora apresentem também uma maior dispersão de opiniões.



Limitações à produção

No quarto trimestre, as limitações de mercado acentuaram a sua preponderância entre as preocupações da indústria portuguesa de calçado. As referências à insuficiência de encomendas de clientes estrangeiros aumentaram para 58%, aproximando-se dos seus máximos históricos atingidos em 2004 e 2005.

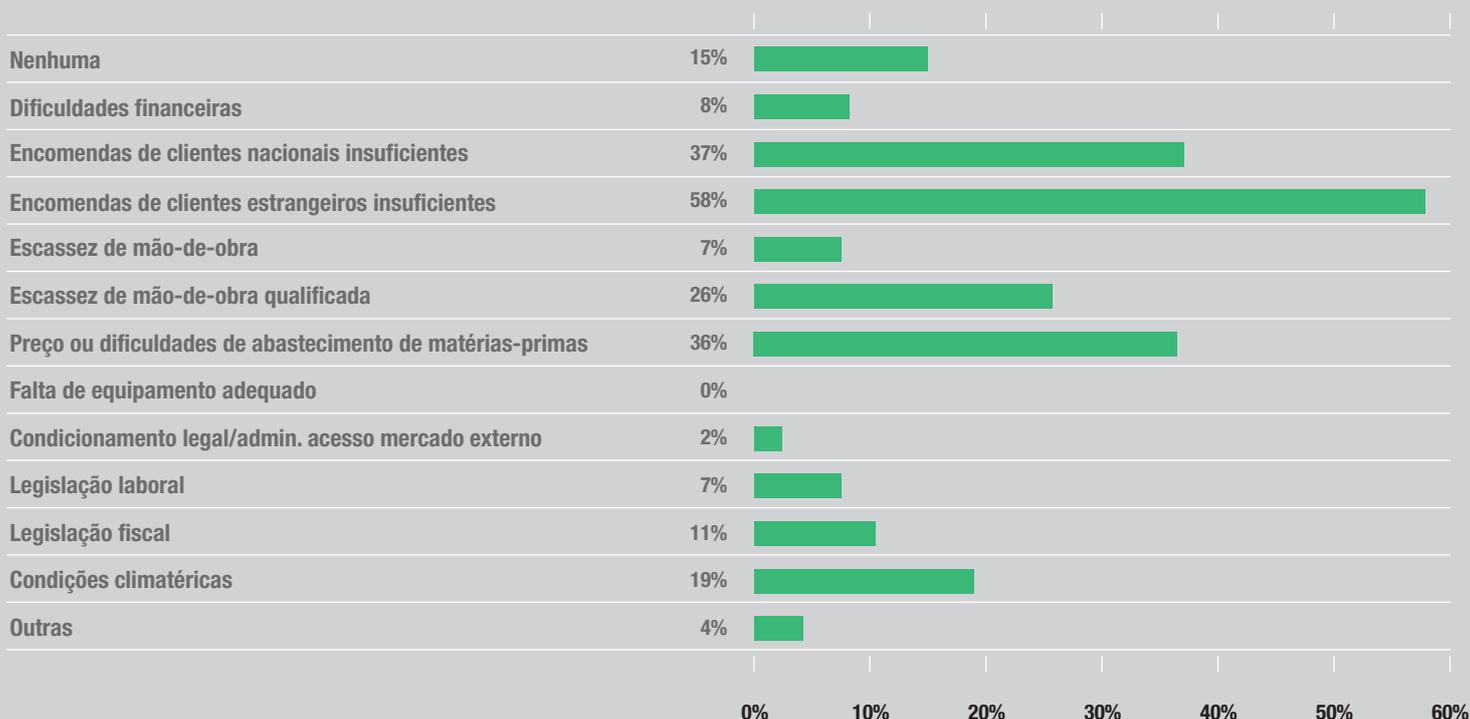
Mencionada por 37% das empresas, a insuficiência de encomendas de clientes nacionais surge como o segundo fator que mais preocupa os empresários do setor. Desde 2009 que esta dificuldade não era tão referida.

Apesar da tendência de abrandamento da atividade, neste trimestre registou-se um forte agravamento das preocupações relacionadas com o abastecimento de matérias-primas que passaram de 22% de referências no 3º trimestre para 36% agora. Já quanto aos restantes fatores de produção, a evolução foi mais consonante com a conjuntura setorial: nenhuma empresa se

referiu a insuficiência de equipamento adequado e as referências à falta de mão-de-obra caíram para 7%, em geral, e 26%, no caso de mão-de-obra qualificada. No entanto, este foi um fator que não foi mencionado pelos inquiridos de maior dimensão.

Embora se mantenham em níveis historicamente elevados, as referências a dificuldades decorrentes das condições climáticas caíram de 32% para 19%, sendo agora mais frequentes entre as empresas de menor dimensão. Também as dificuldades relacionadas com a legislação, laboral, fiscal e de acesso a mercados, receberam menos referências do que no trimestre anterior. Em sentido contrário, as referências a dificuldades financeiras aumentaram para 8%, valor que, apesar de mais elevado do que nos trimestres anteriores, se pode considerar normal face ao histórico do setor.

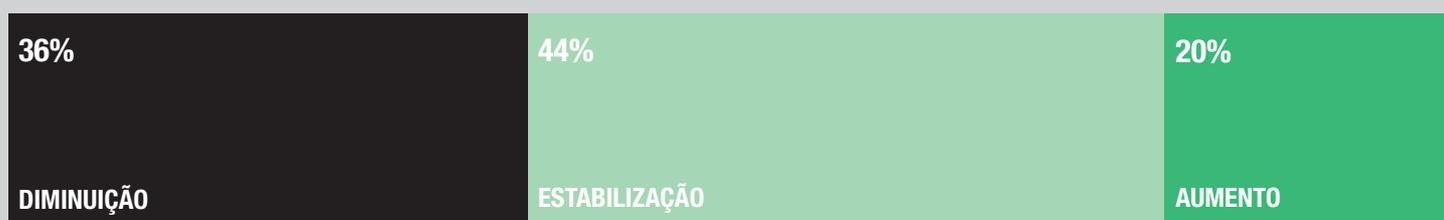
15% das empresas disseram não enfrentar nenhuma dificuldade, o que constitui o melhor resultado do último ano. Esta situação é particularmente frequente entre as maiores empresas e entre as que se dedicam exclusivamente à exportação mas não existe uma relação linear entre a dimensão da empresa ou a sua orientação de mercado e a inexistência de dificuldades.



Tendências da produção

O início de 2019 deverá continuar a tendência de redução da produção a que se tem assistido nos últimos trimestres, uma vez que as empresas que acreditam que assim acontecerá excedem em 16 pontos percentuais as que preveem um aumento da produção. No entanto, a

opinião mais frequente, emitida por 44% das empresas, é a de que o nível de produção estabilizará. Entre as empresas de maior dimensão, são até mais as previsões de aumento do que de diminuição da produção.

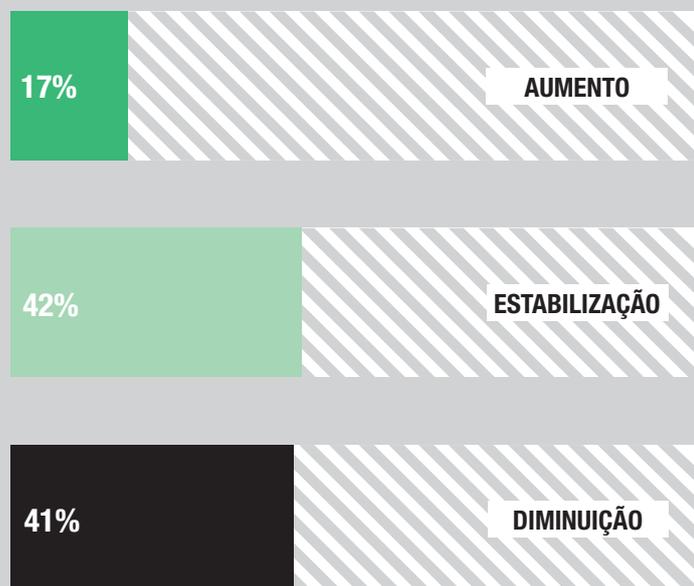


Perspectivas de encomendas

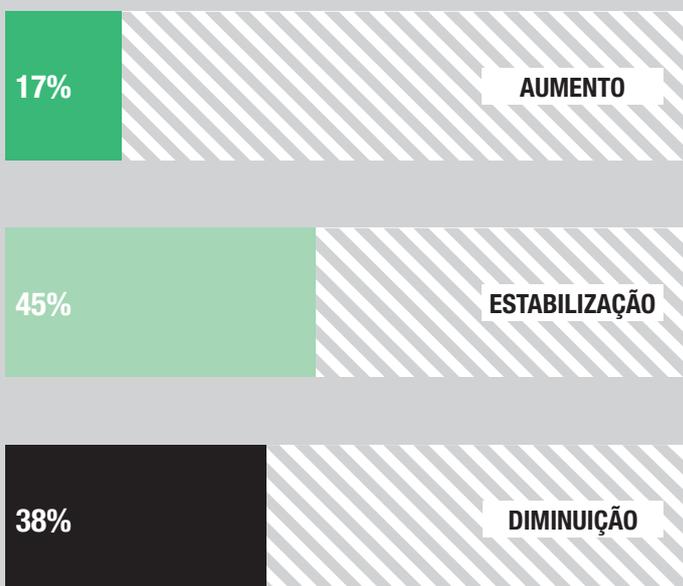
As perspetivas são bastante semelhantes no que respeita à evolução da carteira de encomendas: a percentagem de inquiridos que acreditam na sua estabilidade é de 42% no caso da carteira global e de 45% no das encomendas vindas do estrangeiro. No entanto, em ambos os casos

são mais as respostas de sentido negativo do que positivo, resultando em saldos de respostas extremas de -24 p.p. e -21 p.p., respetivamente. As empresas de maior dimensão distinguem-se das restantes por um maior otimismo, apresentado s.r.e. positivo.

PREVISÃO CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS



PREVISÃO CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO

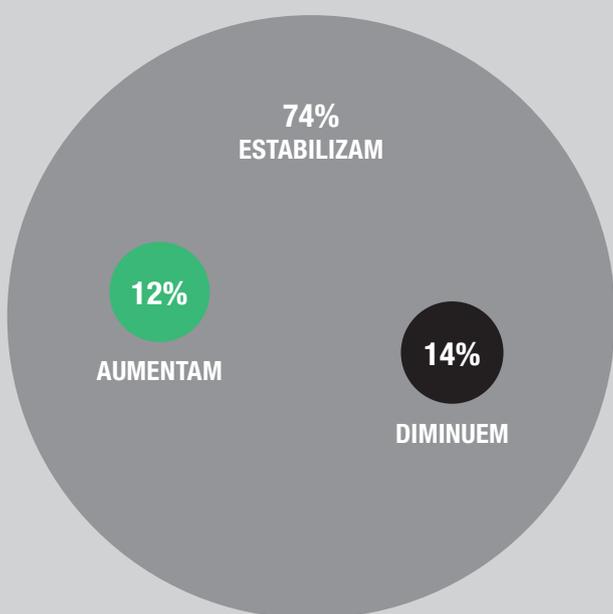


Perspetivas de preços de venda

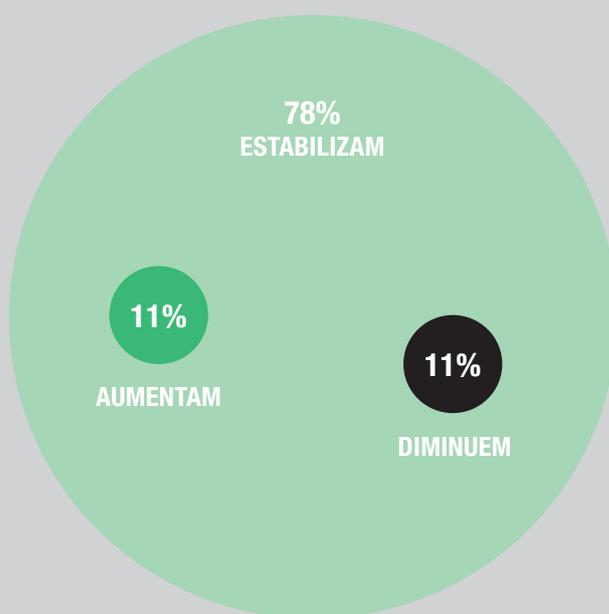
As empresas inquiridas acreditam que, no primeiro trimestre, os preços de venda permanecerão estáveis: a percentagem das que afirmam que assim acontecerá é de 74% no caso do mercado nacional e de 78% nos mercados internacionais. Entre as que não pensam assim, há um grande equilíbrio entre as previsões de

aumento e diminuição dos preços que são em número exatamente igual para os mercados estrangeiros e originam um s.r.e. de apenas -2 p.p. no mercado nacional. Embora as diferenças não sejam acentuadas, neste caso, são as empresas de menor dimensão que se mostram mais otimistas.

PREVISÃO DE PREÇOS EM PORTUGAL

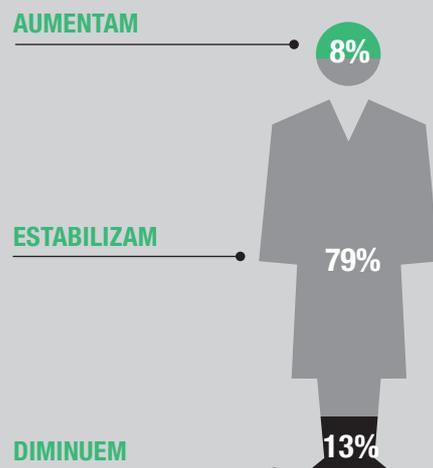


PREVISÃO DE PREÇOS NO ESTRANGEIRO



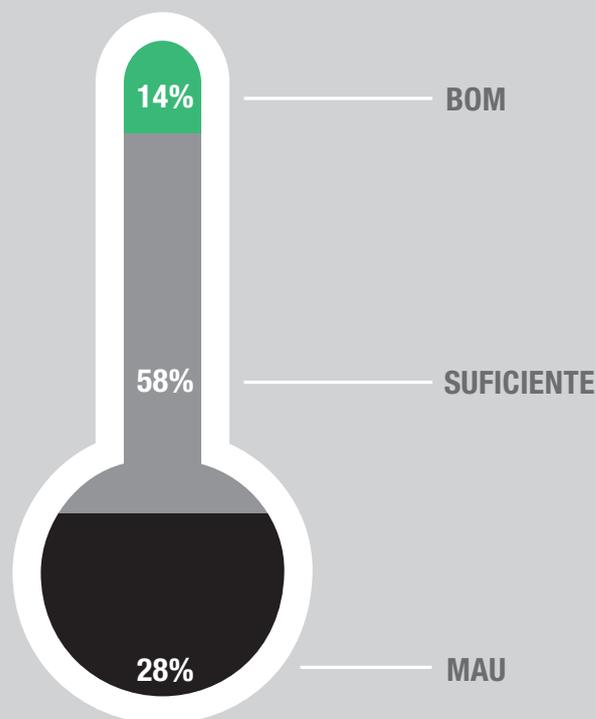
Perspetivas sobre o emprego

Também no que respeita ao emprego, as previsões de estabilidade são largamente maioritárias, correspondendo a quatro em cada cinco empresas (79%). O saldo de respostas extremas é de -5 p.p., ligeiramente negativo, como aconteceu ao longo de todo o ano de 2018. Esta variável encontra-se ao nível mais baixo desde o início de 2015. Mais uma vez, as empresas de muito grande dimensão mostram-se um pouco mais otimistas do que as restantes, apresentando um s.r.e. nulo.



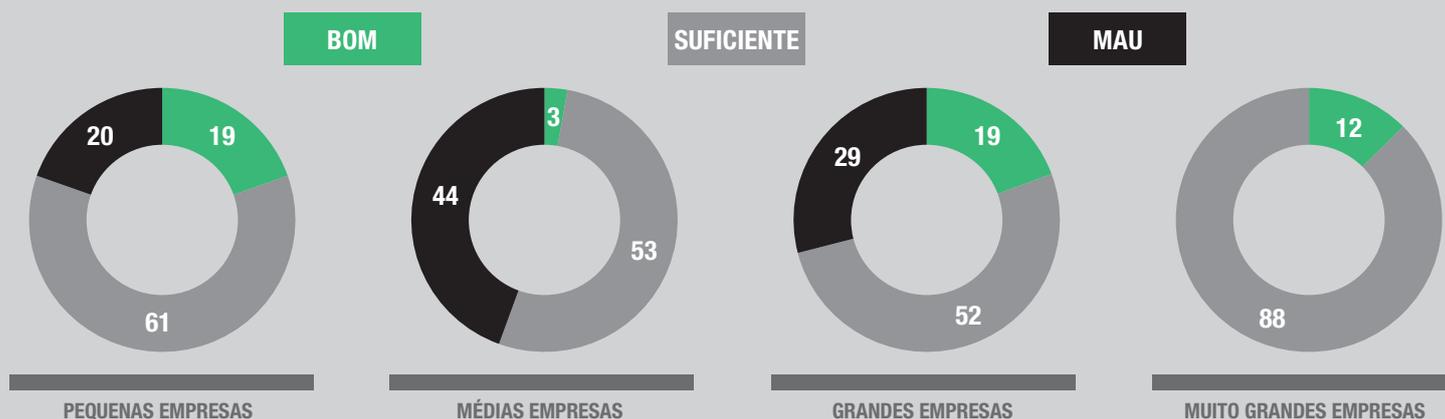
Perspetiva sobre o estado dos negócios

Uma clara maioria dos inquiridos (58%) acredita que o estado dos negócios no primeiro trimestre de 2019 permanecerá suficiente. No entanto, registou-se uma acentuada degradação no saldo entre os que pensam que será bom e mau que caiu de +3 p.p. no trimestre anterior para -14 p.p., agora, refletindo a deterioração da conjuntura setorial. No mesmo sentido, as empresas que acreditam que o estado dos negócios no próximo trimestre será pior do que primeiro trimestre de 2018 excedem em 20 p.p. as que pensam o contrário.



Apuramento dos resultados

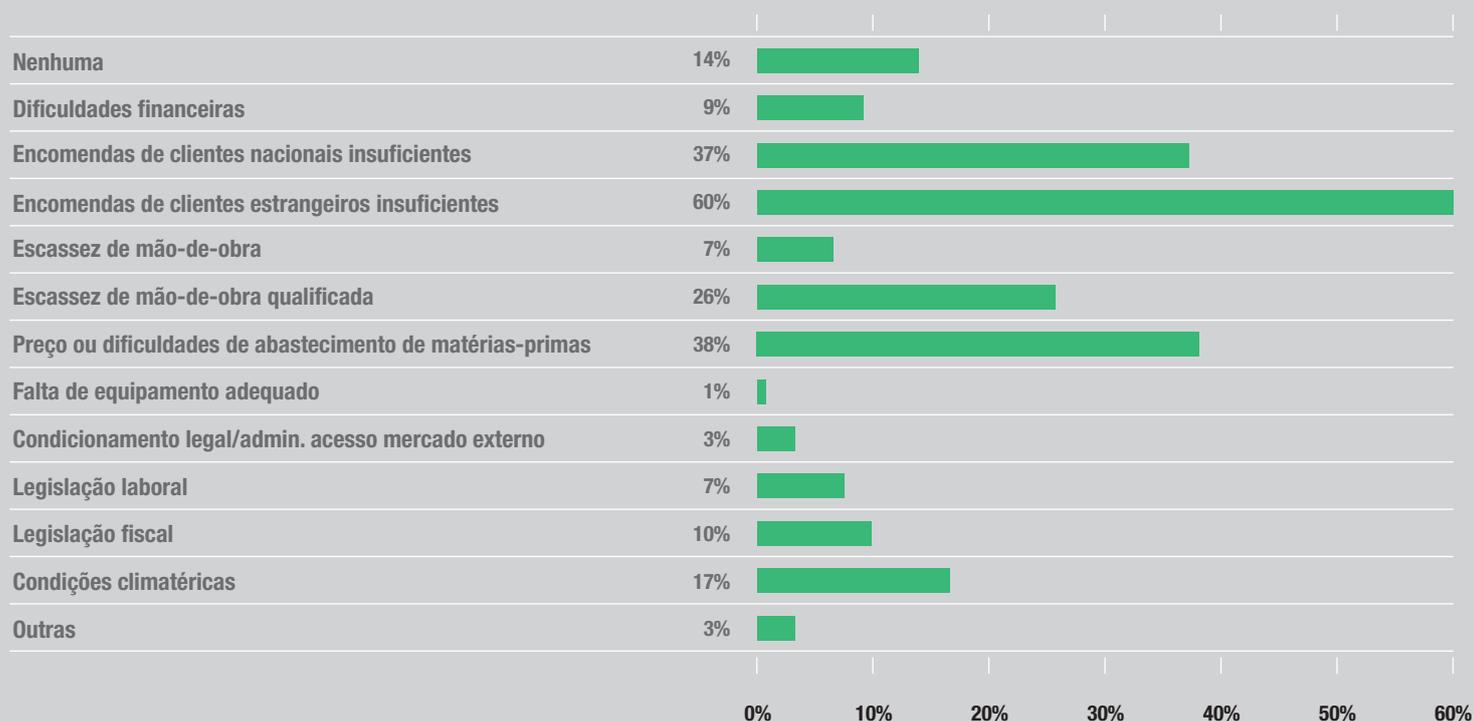
As previsões relativas ao estado dos negócios são acentuadamente negativas entre as empresas que têm 50 a 100 trabalhadores (s.r.e. -42 p.p.) e moderadamente negativas (s.r.e. -10 p.p.) entre as que têm 100 a 250. As empresas de pequena (s.r.e. 0) e muito grande dimensão (s.r.e. +13 p.p.) mostram-se mais otimistas do que as restantes. O mesmo padrão é evidente na comparação com a situação verificada um ano antes, embora nesse caso o s.r.e. das pequenas empresas seja negativo.



Limitações previstas

Para o início de 2019, as empresas preveem que se possam ainda agravar as limitações decorrentes da insuficiência de encomendas do estrangeiro, uma vez que este fator é mencionado por 60% dos inquiridos, implicando um agravamento de 2 pontos percentuais face aos que disseram tê-lo sentido no trimestre transato. A insuficiência de encomendas nacionais preocupa exatamente o mesmo número de empresas (37%) que no trimestre anterior, sendo ultrapassada nas preocupações pelas dificuldades de abastecimento em matérias-primas, que recolhem 38% de referências.

PREVISÃO PARA PRÓXIMO TRIMESTRE



Os inquiridos acreditam que os problemas decorrentes das condições climáticas continuarão a abrandar: a percentagem de empresas que agora preveem problemas desta natureza (17%) é menos de metade da que os indicou no final do trimestre anterior (35%). As empresas mostram-se também menos preocupadas com a política fiscal (10%) e com a escassez de mão-de-obra (7%). Em sentido contrário, há indicações de muitos ligeiros

agravamentos de limitações ligadas ao acesso aos mercados (3%) e à insuficiência de equipamento adequado (1%), assim como de dificuldades financeiras (9%).

A percentagem de empresas que acreditam não ir sentir nenhuma dificuldade no início de 2019 (14%) é ligeiramente menor do que a das que disseram não as ter sentido no último trimestre de 2018.

Notas de Conjuntura

Em janeiro, o Fundo Monetário Internacional atualizou as suas perspetivas para a economia mundial. A atualização foi predominantemente de sentido negativo: o FMI prevê agora, para 2019, um crescimento económico de apenas 1,6% no conjunto da área euro – com valores inferiores na França (1,5%), Alemanha (1,3%) e Itália (0,6%) – e de 1,5% no Reino Unido. Fora da Europa o dinamismo é mais elevado, com uma previsão de 3,5% para a economia mundial, mas, um pouco por todo o lado, a perspetiva é de abrandamento económico. De acordo com este documento:

“A expansão global enfraqueceu. Prevê-se um crescimento global para 2018 de 3,7 por cento, tal como na previsão do World Economic Outlook (WEO) de outubro de 2018, apesar de um desempenho mais fraco em algumas economias, nomeadamente na Europa e Ásia. Prevê-se que a economia global cresça 3,5 por cento em 2019 e 3,6 por cento em 2020, 0,2 e 0,1 pontos percentuais abaixo das projeções de outubro.

A previsão de crescimento global para 2019 e 2020 já tinha sido revista em baixa no WEO anterior, em parte devido aos efeitos negativos dos aumentos de tarifas decididos nos Estados Unidos e na China durante o ano. A revisão adicional em baixa desde outubro reflete em parte as implicações da menor dinâmica no segundo semestre de 2018 (...) mas também a deterioração do sentimento nos mercados financeiros assim como uma contração na Turquia que agora se prevê mais profunda do que anteriormente antecipado.

Os riscos para o crescimento global inclinam-se para a baixa. Um agravamento das tensões comerciais para além das já incorporadas na previsão permanece uma fonte basilar de risco para as perspetivas. As condições financeiras já apertaram desde o outono. Uma variedade de fatores para além das tensões comerciais poderia desencadear uma deterioração adicional no sentimento de risco com implicações adversas no crescimento, especialmente dados os elevados níveis de dívida pública e privada. Estes fatores incluem uma saída sem acordo do Reino Unido da União Europeia e um abrandamento superior ao esperado na China.”*

Fundo Monetário Internacional, World Economic Outlook update, janeiro 2019

Relativamente à economia portuguesa, o NECEP da Universidade católica Portuguesa afirma:

“Para o corrente ano de 2019, o NECEP antecipa, agora, um crescimento de 2,0%, uma revisão em baixa de 0,3 pontos percentuais (...). A médio prazo, em 2020 e 2021, o ponto central da estimativa de crescimento do NECEP mantém-se estável em 2,1% (...). No entanto, como é hábito, estas previsões encerram intervalos de previsão bastante alargados (...). Quer o ambiente externo, quer o peso da dívida pública, continuam a condicionar fortemente

as previsões de crescimento. Se em termos de política orçamental não são esperadas grandes surpresas, com os dados das contas nacionais do 3º trimestre a confirmarem a possibilidade de um défice próximo da meta de 0.7% para 2018, é na frente externa que residem grande parte dos riscos que incidem sobre a economia portuguesa. Trata-se de riscos de pendor predominantemente descendente, agora mais centrados nos efeitos sobre a economia europeia da incapacidade em se encontrar uma solução pragmática para o problema do Brexit e também na escalada do protecionismo, pesem embora as promissoras negociações em curso entre os EUA e a China.”

NECEP/CEA/CLSBE/UCP – Folha Trimestral de Conjuntura nº 55 (Ano XIV) – 4º trimestre de 2018

As previsões de outras instituições são geralmente um pouco mais conservadoras: tanto o Banco de Portugal como o Fundo Monetário Internacional preveem que o PIB português cresça apenas 1,8%, em 2019, e a Comissão Europeia aponta mesmo para 1,7%. Estas três instituições são unânimes na expectativa de um abrandamento adicional da economia nos anos seguintes.

Em linha com a evolução macroeconómica, a indústria de calçado vai dando sinais de abrandamento um pouco por toda a Europa. No conjunto da União Europeia, no quarto trimestre de 2018, o Índice de Produção Industrial desceu para 92,5, por comparação com o valor médio de 100 que apresentou em 2015. Em Itália, o índice apresentou um valor semelhante (91,3) à média da UE mas em Espanha ficou-se pelos 75,4, traduzindo uma quebra de quase 25% na atividade da indústria face a 2015. Fora da UE, na Turquia, o índice também está a diminuir mas, com o valor de 108,8, mantém-se acima do nível de 2015.

P O R T U
G U E S E
S H O E S

A P I C C A P S